

RAIVA BOVINA – Revisão de Literatura

Freitas, Elaine Bernardino

Discente do curso de Medicina Veterinária FAMED - Garça

ZAPPA, Vanessa

Docente da Faculdade de Medicina Veterinária FAMED - Garça

RESUMO

A Raiva é uma zoonose infecciosa aguda fatal que afeta os bovinos, mamíferos, carnívoros, silvestres e o homem. Caracterizada principalmente por sinais nervosos que variam de agressividade à paralisia e se transmite pela mordedura e lambedura de animais acometidos. A Raiva rural, representada pelos herbívoros de modo geral, vem aumentando devido à falta de uma política de combate mais efetivo e o desequilíbrio ecológico.

Palavra Chave: Raiva, bovinos, morcegos hematófagos.

Tema Central: Medicina Veterinária

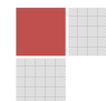
ABSTRACT

The Rage is a sharp infectious zoonosis fatal that it affects the bovine ones, mammals, carnivorous, wild and the man. Characterized mainly by nervous signs that you/they vary from aggressiveness to the paralysis and it is transmitted by the bite and lambedura of attacked animals. The rural Rage, acted by the herbivores in general, it is increasing due to the lack of a politics of more effective combat and the ecological unbalance

Key word: Rabies, bovine, bats

1. INTRODUÇÃO

A Raiva é conhecida desde 2.300 a.C. onde se estabeleceu que epidemias eram transmitidas através de mordeduras. Demokrit (500a.C.) e Aristóteles (400a.C.) descreveram o quadro clínico da Raiva para os animais, Celsus (100a.C.) para o ser humano. Em 1804 Zinke demonstrou a infecciosidade da saliva inoculando-a em cães sadios, reproduzindo a doença. Gruner e Salm (1813) confirmaram o mesmo fato para a Raiva em herbívoros. No mesmo ano Magendie e Breschet reproduziram a doença no cão a partir da saliva de paciente humano com Raiva. Em 1885, Pasteur, trouxe grande progresso com a possibilidade do desenvolvimento de proteção, pela utilização de vacinas em humanos (ACHA 1986).



2. CONTEÚDO

A enfermidade possui grande importância mundial por ser uma zoonose de grande relevância na saúde pública, embora tenha declinado a sua incidência na última década, no seu ciclo urbano, em virtude da implantação, em 1973, do plano nacional de profilaxia da Raiva e por uma maior conscientização da comunidade quanto ao risco de ter um animal não vacinado (GEORGE, 1994).

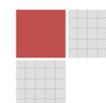
Todos os mamíferos são sensíveis ao vírus da Raiva, sendo a sensibilidade variável com a espécie, não ocorrendo, entretanto, diferença entre sexo e com relação à idade os animais jovens são mais sensíveis (LIMA, 2001).

A Raiva é doença provocada por vírus, caracterizada por sintomatologia nervosa que acomete animais de sangue quente onde quase 100% dos casos são fatais. Transmitida pelo cão, gato, rato, bovino, eqüino, suíno, macaco, morcego e animais silvestres, através da mordedura e lambadura da mucosa e da pele lesionada por animais raivosos. Os animais silvestres são reservatórios primários para a raiva na maior parte do mundo, mas os animais domésticos de estimação são as principais fontes de transmissão para os seres humanos. (RODOSTITS et al. 2000).

Os morcegos hematófagos são os principais transmissores da doença no meio rural, deslocando-se de seu habitat, geralmente, cavernas localizadas em matas fechadas, para se esconder em bueiros ou casas abandonadas no campo. Nesse movimento, acaba espalhando a doença (LIMA, 2001).

O vírus pertence à família Rhabdoviridae e gênero Lyssavirus seu material genético é o ácido ribonucléico (ARN), sendo ele altamente neurotrópico (GEORGE, 1994).

Calcula-se que a Raiva mata 100.000 bovinos por ano na América Latina e gera perdas de 30 milhões de dólares. Metade desse prejuízo ocorre no Brasil,



que tem, por ano, 40.000 a 50.000 bovinos vitimados por essa enfermidade, conforme dados oficiais do Ministério da Agricultura e estimativas de subnotificações. Além desses danos diretos, podemos citar alguns indiretos como: diminuição da qualidade do couro do animal, perda de peso e redução da produção de leite (FRANCO 1998).

Entre os anos de 1988 a 1997 452 pessoas foram acometidas somente no município de São Paulo, das quais 72,1% foram contaminadas pelo cão e 11,1% pelos morcegos, sendo este último, o segundo maior transmissor para os humanos. Essa perda econômica, mais os crescentes números de casos de Raiva rural ou herbívora, juntamente com o risco de saúde pública (RAMOS & RAMOS, 1999).

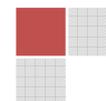
A sintomatologia da Raiva em bovinos é basicamente nervosa, sendo o quadro paralítico mais evidenciado do que o quadro furioso, apresentando isolamento do animal acometido em relação ao restante do rebanho, tristeza, hiperexcitabilidade, tremores musculares, sialorréia, dificuldade de deglutição, paralisia dos membros posteriores com decúbito e posterior morte entre 4 a 6 dias após o início do quadro (FAVERO, 2001).

Outros comportamentos anormais foram ranger de dentes e movimentos de pedalagem, estando em acordo com os trabalhos de RONDON et al. (1995) e NETTO (1997). Andar cambaleante e paresia flácida dos membros posteriores foram achados comuns do sistema locomotor, explicados pela agressão viral aos centros nervosos e vias aferentes e eferentes da motilidade, equilíbrio e coordenação motora (RADOSTITS et al., 2000).

O controle e a prevenção da Raiva passam pela vacinação efetiva do rebanho e pelo controle na imunização de cães e gatos (FAVERO, 2001).

Combates a morcegos hematófagos transmissores dessa doença. A erradicação completa contempla duas vertentes: a primeira seria a vacinação continuada e efetiva em áreas persistentes da doença, a segunda o controle residual de infestações em áreas de risco (VUILLAUME et al., 1998).

A vacinação contra a Raiva em bovinos deve ser a partir de três meses de vida, período no qual o sistema imunológico nos animais jovens já está formado,



porém com incapacidade de responder plenamente aos antígenos aos quais estão expostos (RADOSTITS et al., 2000).

3. CONCLUSÃO

É fundamental conhecer profundamente o controle, prevenção e o comportamento do morcego hematófago, além da reação ao meio ambiente. A falha no manejo sanitário ou a baixa imunidade vacinal nos bovinos são as principais causas da infecção pela Raiva bovina.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHA, P. N. ; SZYFRES, B. Rabia. In : **Zoonosi y enfermedades transmissibles comunes al hombre y a los animales**. 2. ed. Washington: OPS/OMS Organização Mundial de la Salud, 1986. p. 502-526

FAVERO, A. Raiva em bovinos. **Pecuária de Corte**, São Paulo, v. 12, n.111, p.47-49, 2001.

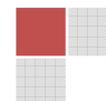
FRANCO, M. Raiva mata mais bovinos e eqüinos e preocupa. **DBO Rural**, Goiânia, v. 17, n. 214, p. 84-88, 1998.

GEORGE, L. W. Moléstias do sistema nervoso. In: SMITH, B. P. S. **Tratado de medicina de grandes animais**. São Paulo: Manole, 1994. v. 2. p. 921-924.

LIMA, M. Alerta vermelho. **Revista da Associação Brasileira de Criadores de zebu**, São Paulo, v. 1, n. 3, julho/ agosto, 2001.

NETTO, L. P. Raiva nos herbívoros. **Pecuária de Corte**, São Paulo, v. 8, n. 73, p. 55-56, 1997.

RADOSTITS, O. M., BLOOD, D.C., GAY, C.C. Atextbook of the diseases of cattle, sheep, pigs and horses. In: **Veterinary Medicine**. 9. ed. Londres: Bailliere Trindall, 2000,1763p.



RAMOS, P. M. ; RAMOS, P. S. Estudo retrospectivo quanto aos animais agressores para a raiva, no Município de São Paulo, Brasil, no período de 1988 a 1997. **Revista de Educação Continuada do CRMV-SP**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 81-84, 1999

RONDON, E. S. ; BASTOS, P. V. ; SILVA, D. A. ; PICCININI, R. S. Estudo comparativo da sintomatologia clínica de bovinos suspeitos de raiva. **Revista Brasileira Medicina Veterinária**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 253-256, 1995.

VUILLAUME, P. , BRUYERE, V. , AUBERT, M. Comparison of the effectiveness of two protocols of antirabies bait distribution for foxes. **Veterinary Research**, Paris, v. 29, n.6, p. 537-547, 1998.

